VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A FUNÇÃO APOLOGÉTICA DAS "CONFERÊNCIAS ANCHIETANAS" DE 1896

Erasmo Soares de Moura Neto*

Esta apresentação refere-se ao projeto de pesquisa de mestrado intitulado *A construção apologética da história da Companhia de Jesus, a partir das 'Conferências Anchietanas' de 1896*. Seu objetivo é definir as linhas mestras de uma história apologética da Companhia de Jesus a partir do volume intitulado *III Centenário da Morte do Venerável Joseph de Anchieta*, publicado em 1900. A obra foi organizada por Eduardo Prado quando do terceiro centenário da morte de José de Anchieta, ocorrido em 9 de junho de 1897.[1] O volume reúne nove textos de diferentes autores, todos originalmente escritos como leituras públicas a serem realizadas durante os anos de 1896 e 1897. A celebração da memória de José de Anchieta é o principal objetivo desta série de palestras, que preenchem uma função apologética da obra dos jesuítas no Brasil, de modo geral, centrada na figura emblemática de Anchieta.

---

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Participa do Laboratório de Pesquisa em História das Práticas Letradas (PEHL), dirigido pela Professora Andrea Daher.

1 *III Centenário da Morte do Venerável Joseph de Anchieta*: conferências preparatórias. Paris: Ailland, 1900.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Uma segunda edição parcial, com o título de *Conferências Anchietanas*, foi publicada em 1979.[2] Ao longo desta comunicação, a referência ao título genérico e divulgado de "*Conferências Anchietanas*" remete, no entanto, ao volume de 1900 na sua integralidade.

Os nove trabalhos publicados são de autoria de três membros do clero paulista, o arcediago Francisco de Paula Rodrigues, o padre jesuíta Américo de Novais e o cônego Manoel Vicente da Silva; de cinco bacharéis formados em Direito e que ocuparam importantes postos no Império: Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Brasílio Machado, João Pereira Monteiro e Couto de Magalhães, este também um militar; e Teodoro Sampaio, formado na escola politécnica do Rio de Janeiro. Temos um grupo composto por homens de letras monarquistas, católicos e de formação superior. Deve-se assinalar que as falas de Couto de Magalhães, Joaquim Nabuco e Manoel Vicente da Silva foram publicadas sem terem sido proferidas em público. As leituras começaram no dia 17 de junho de 1896, na antiga Catedral de São Paulo, com o discurso do arcediago Francisco de Paula Rodrigues. Os discursos subsequentes se estenderam até dezembro do mesmo ano e ocorreram na biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo. Todas as apresentações são caracterizadas como "conferências preparatórias" para o terceiro centenário, quer dizer, deveriam ser pronunciadas ao longo de 1896 e 1897, antes de 9 de junho deste ano, à exceção da de Joaquim Nabuco, que seria levada a público exatamente na data do terceiro centenário. O fato aponta, sem dúvida, para a importância central da temática desta palestra no projeto idealizado por Eduardo Prado, um fato confirmado pelo seguinte trecho de uma carta escrita a Nabuco: "A chave das conferências será de ouro. O lugar de honra reservarei para Você. Encerrará Você a série, falando sobre 'A Significação Nacional do Centenário de Anchieta'".[3]

[2] Trata-se de uma reedição incompleta do volume de 1900. Optamos aqui neste projeto pelo uso deste título de 1979: *Conferências Anchietanas*. Rio de Janeiro: Comissão Nacional para as Comemorações do Dia de Anchieta, 1979. Ela é parte do esforço do regime militar de 1964 de promover a figura de Anchieta. Em 1965 foi instituído o "Dia de Anchieta", 9 de junho, dia de sua morte (Decreto n. 55.588 de 18/1/1965, de Castelo Branco). Já a "Comissão Nacional para as Comemorações do Dia de Anchieta", que reeditou as *Conferências*, foi designada em 1977 pelo então Ministro da Educação e Cultura Ney Braga (governo Geisel), pela Portaria n. 305 de 16/5/1977.

[3] PRADO, Eduardo apud MOTA FILHO, Cândido. *A Vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1967, p. 271.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Um resumo de cada palestra nos permitirá discutir as intencionalidades deste empreendimento, destacando as representações dos jesuítas e do papel da Companhia de Jesus no passado brasileiro que estão em jogo nestes escritos.

Como foi dito, o primeiro texto do volume de 1900 é o discurso de Francisco de Paula Rodrigues, igualmente o primeiro da série de conferências. Intitulada "O Apostolado Católico", é uma alocução religiosa que expõe a missão dos católicos na sociedade moderna, defendendo a Igreja contra seus críticos céticos. Anchieta é evocado como um exemplo heroico do apostolado católico, como uma fonte inspiração para o discurso do arcediago:

> Eu faria reviver a alma de Anchieta e ella fallaria em meu logar. Aqui, porém, meus Senhores, tenho toda a precisão da vossa intelligencia. Estamos aqui reunidos para celebrar a memória do grande apóstolo do Brazil, e minha alma, neste momento, sente a necessidade de invocar com o poeta a alma inspirada de Anchieta.
> Alma inspirada do apostolo das selvas, sabio cantor, luzeiro do futuro! Tu, que nas solidões do novo mundo, sobre as alvas areias bordadas pela espuma do mar, traçaste os versos do poema da Virgem e ensinaste aos filhos do deserto a lei sublime que ao reino do Senhor chama os seus, - ensina á minha alma timorata a linguagem celeste que fallaste![4]

Segundo o autor, a expansão do catolicismo, no passado e naquele presente, corresponderia ao avanço da civilização nas várias partes mundo. Nos parágrafos finais de sua fala, Francisco de Paula Rodrigues destaca a moralização da família e da sociedade como indispensáveis para assegurar a prosperidade do Brasil.

De autoria de Eduardo Prado, a segunda palestra do volume é "O catolicismo, a Companhia de Jesus e a colonização do Brasil", datada de 20 de agosto de 1896. De saída, o autor apresenta, brevemente, dois processos históricos que teriam desafiado o catolicismo, a saber, o Renascimento (identificado como uma espécie de paganismo) e a Reforma: "Os cem annos que medeiam entre a descoberta da America e a data da morte de Anchieta constituem uma epocha, decisiva na historia da humanidade. Ficcou nesse periodo decidido que o christianismo não desappareceria [...]".[5] Em seguida, a biografia de Inácio de Loyola é estrategicamente apresentada, enaltecendo o fundador da

---

[4] *III Centenário da Morte do Venerável Joseph de Anchieta*: conferências preparatórias. Paris: Ailland, 1900, pp. 4-5.

[5] Ibidem, p. 21.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Sociedade de Jesus e permitindo relacionar o contexto histórico europeu ao surgimento da Contrarreforma:

> A obra de Ignacio foi a fundação da Companhia de Jesus. A sua missão foi a da renovação religiosa do século. E essa obra tem perdurado apezar de todos os seus revezes; tem resistido também a todos os seus triumphos, o que não é caso de menor admiração, porque, nas cousas humanas, o successo sem lucta e os fáceis despojos da victoria comprometem mais as instituições do que a contrariedade que lhes vem da competência com os adversários.[6]

Para o autor, a resposta católica ao duplo desafio da Reforma e do Renascimento foi representada pela fundação da Companhia de Jesus e pela obra de seus membros no recém-descoberto continente americano, especialmente no Brasil. Prado caracteriza os inacianos como os principais agentes de um método de colonização católico que seria próprio das nações ibéricas:

> [...] a obra da Egreja foi uma obra de civilisação e de humanidade e [...] os seus principaes operários foram os jesuítas.
> A historia nos ensina, e isso é uma cousa que muito deve diminuir o orgulho da nossa superioridade em relação ao selvagem, que uma razão civilisada, em contacto com uma raça barbara e inferior, revela singulares e inesperados instinctos de ferocidade.[7]
> [...] tenhamos nós o nosso orgulho; é o de sermos um povo que deve a sua existência, não á trucidação de uma raça inteira, hecatombe que o protestantismo não impediria no sul, como não soube impedir noutras regiões, mas á fusão de raças oppostas de origem, e que o catholicismo, renovando o seu antigo prodígio da christianização e da absorção dos bárbaros, soube também na America ensinar, civilisar, abençoando a união fecunda das raças, de que deviam brotar tantas nações. [8]

Nesse ponto é o elogio ao padre José de Anchieta que tem uma função estratégica, estruturando a argumentação em prol da vocação católica e civilizada do Brasil, bem como elogiando a mestiçagem entre portugueses e indígenas na formação do povo paulista. Prado situa o inaciano e seus correligionários no cerne da história pela sua atividade missionária e catequética:

> Foi o filho do portuguez e do indio, o homem chamado desprezivamente *mameluco*, que descobriu este grande paiz, e este

---

[6] Ibidem, p. 27.

[7] Ibidem, p. 41.

[8] Ibidem, p. 45.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> enorme factor histórico não teria apparecido, se a catechese, a reducção, o aldeamento, isto é, a domesticação do indio, não tivesse sido feita pelos jesuítas. [9]
> O maior serviço da Companhia foi, porém, a fundação desta cidade de S. Paulo, onde hoje estão reunidos [...] os descendentes das raças fundidas, e onde, depois de quasi tres seculos e meio, ha a vontade de affirmar, pelo modo mais solemne, a nossa existência social, prestando homenagem a um heróe da nossa velha historia. [10]

Brasílio Machado foi o autor de "Anchieta. Narração da sua vida", a terceira fala das *Conferências Anchietanas*, pronunciada em 24 de setembro de 1896. O autor narra a história da colonização de São Vicente por Martim Afonso de Sousa e, em seguida, enaltece a vocação missionária da Ordem Inaciana, traçando uma linha de continuidade entre os primeiros apóstolos cristãos, Francisco Xavier na Índia e Nóbrega e Anchieta no Brasil. Após a descrição da fundação da missão em São Vicente por Nóbrega, Brasílio Machado aborda a biografia de José de Anchieta, descrevendo sua região natal, seus primeiros anos, a entrada na vida religiosa, a travessia oceânica e a preferência pela missão de São Vicente. Anchieta é apresentado como destinado ao sacerdócio:

> Humilde, obediente, e sobretudo casto, os seus fervores religiosos o levaram pouco a pouco, — era a sua predestinação! — para o rumo da áspera, mas extraordinária, vocação do sacerdócio catholico, se bem que fora atravez de porfiadas duvidas e combates moraes que veiu elle a acertar com a vereda definitiva daquelle chamamento. [11]

Em linhas gerais, a tenacidade na conversão dos índios, o feito da pacificação dos tamoios, o papel na luta contra os invasores franceses e a morte de Anchieta – descritos de forma a valorizar a devoção e a virtude do biografado perante diversos desafios – são os principais pontos desta palestra.

"S. Paulo no tempo de Anchieta", de Teodoro Sampaio, é o título da palestra de 16 de outubro de 1896, a quarta do volume. Sampaio reafirma a importância da fundação da missão dos jesuítas para o povoamento bem sucedido de São Paulo, ante os exemplos precedentes de colonização frustrada da região a partir de feitorias e donatarias. Para o autor, o núcleo de povoamento inicial dos jesuítas possibilitou o

---

[9] Ibidem, p. 47.

[10] Ibidem, p. 48.

[11] Ibidem, p. 75.

ISBN: 978-85-98711-10-2

constante crescimento da cidade, pois a empreitada evangelizadora dos padres aglutinou índios, colonos e mestiços e fez avançar a conquista do território brasileiro:

> [...] fundar S. Paulo foi, de facto, levantar o primeiro baluarte para a conquista do planalto brazileiro. Conquistar o planalto foi revelar ao mundo um Brazil de ouro, mais rico do que o próprio Peru, tão vasto como a Europa, tão attrahente e sedutor como essa mesma índia de Vasco da Gama, que, por tantos annos, nos fez esquecidos e desprezados. Foi mais – foi o acordar das populações somnolentas, acanhadas, timidas, a vegetarem sobre a terra quente do littoral, como se não fossem os descendentes dos heroicos marinheiros do Infante de Sagres, ou como se as conquistas do *mar tenebroso* lhes tivessem de vez exgottado as energias, deixando-as extaticas e apavoradas deante dos mysterios das selvas americanas. [12]

Sua conferência é formada também pela descrição do território da capitania de São Vicente e de seus povoados, bem como pela apresentação das principais tribos indígenas da região e do caráter de seus chefes.

A sexta conferência do jesuíta Américo de Novaes trata do papel de Anchieta e de seus correligionários na catequese dos índios. Sua fala, pronunciada em 6 de agosto de 1896, intitulada "Método de ensino e de catequese dos índios usados pelos jesuítas e por Anchieta", é um extenso elogio ao sistema de aldeamento dos índios, caracterizado pelo conferencista como o mais adequado para a conversão e civilização dos povos americanos:

> Anchieta, portanto, sobre ter sido missionario e propagador da fé catholica, foi outrosim o civilizador mais eminente dos nossos antepassados. E se não tivesse sido desfechado o golpe de morte nas missões do Brazil, e houvesem os successores de Anchieta continuado os seus evangelicos labores, hoje, [...] provavelmente, não tivéramos mais um só indio selvagem nas nossas florestas; lográramos a doce consolação de vêr todas as tribus caminhando animosas para um illuminado porvir incorporadas á comunhão politica do paiz, mesmo aquellas que por seus instinctos ferozes incutem terror ao homem civilisado.[13]

A palestra de Américo de Novais é seguida de um apêndice de sua autoria. Nele, Novais refuta a história do martírio de João de Bolés, protestante francês que teria sido convertido e depois executado sob o comando do padre Anchieta.

---

[12] Ibidem, pp. 105-106.

[13] Ibidem, p. 186.

ISBN: 978-85-98711-10-2

João Pereira Monteiro é o autor da sexta palestra, proferida em dezembro de 1896, "Anchieta na poesia e nas lendas brasileiras". O autor começa trançando diversas alusões feitas ao jesuíta em textos nacionais e estrangeiros, inventariando várias citações e elogios de produções literárias e obras de história. Em seguida, narra algumas lendas a propósito de atos exemplares e episódios miraculosos da vida de Anchieta. A representação construída pelo conjunto de referências mobilizadas por João Monteiro é a de José de Anchieta apóstolo do Brasil:

> Pelo céo é que elle fora sem duvida enviado, porque só do céo lhe poderiam ter descido as virtudes que o fizeram santo, e que a poesia e a lenda decantaram, estendendo até o sublime a chimerica combinação entre as condições reaes e as ideaes dos grandes sucessos, que a historia registra para edificação moral da humanidade. [14]

No conjunto dos textos do volume de 1900, a fala de Couto de Magalhães, intitulada "Anchieta e as raças e línguas indígenas do Brasil", é a que menos se atem aos fatos biográficos do jesuíta celebrado ou aos feitos da Sociedade de Jesus. O autor discorre sobre as línguas e os costumes indígenas, nomeando as diferentes tribos do período pré-cabralino e apontando a sua importância no processo de formação étnica e cultural do Brasil e, mais particularmente, de São Paulo. Suas observações dialogam com autores de obras consagradas no assunto, como Carl Friedrich von Martius e Ferdinand Denis, e se baseiam no emprego de relatos antigos como fontes históricas, sobretudo os de Anchieta e outros inacianos. Ressaltando o papel da "raça vermelha" na formação da sociedade brasileira, Couto de Magalhães argumenta contra a pouca estima dada pelos brasileiros a sua origem americana, representada pelo índio no passado e pelo caboclo ou mameluco no presente:

> [...] é aos jesuítas, e entre elles a Anchieta, que devemos a preservação das raças indígenas que nos são muito úteis debaixo do ponto de vista anthropologico, [...] e da raça mestiça do mameluco, cariboco, ou cabloco, que [...] dizem ser uma das boas do mundo, e é mais americana do que a do negro ou a pura branca dos europeus, que nos vieram do velho mundo. [15]

O cônego Manoel Vicente da Silva relata as virtudes do jesuíta homenageado na conferência "Sublimidade moral de Anchieta". De início, o autor discorre sobre a

[14] Ibidem, p. 222.

[15] Ibidem, p. 250.

ISBN: 978-85-98711-10-2

questão da crença e da moral, ressaltando a superioridade da religião perante ideologias concorrentes, como o materialismo e o evolucionismo, pelo fato de apenas a fé ser capaz de estabelecer um sentido moralmente válido para a vida humana. Segundo o autor, só a religião é capaz de produzir homens genuinamente virtuosos, como José de Anchieta. Sua palestra, então, passa a debater o processo de santificação deste jesuíta exemplar, ponderando sobre a questão das provas, dos testemunhos e dos procedimentos institucionais necessários para a sua efetivação. A parte final da conferência é um reforço da exemplaridade da vida de Anchieta, uma defesa da sua santidade:

> Que melhor modelo de virtudes cívicas e religiosas pode ser oferecido ás multidões?
> Qual foi a virtude que elle não praticou, qual foi a abnegação patriótica e religiosa de que não deu exemplos edificantes?
> Promotor da paz na sociedade e da harmonia nas famílias, educador da mocidade, defensor dos direitos de cada um e de todos, poupando vidas e aconselhando o trabalho, como o melhor elemento de civilisação, Anchieta tem direito a todas as nossas homenagens. [16]

A fala intitulada "José de Anchieta. A significação nacional do centenário anchietano", de Joaquim Nabuco, é a última conferência reproduzida no volume de 1900. Como já foi dito, ela seria proferida na data do terceiro centenário, 9 de junho de 1897. O autor relaciona a identidade nacional e a manutenção da unidade territorial brasileira ao catolicismo. A temática nacional é, assim, o aspecto que coroa a lógica apologética das *Conferências Anchietanas*, com Nabuco identificando a religião católica como um elemento constitutivo da sociedade brasileira:

> Não tenhamos receio de confessar que devemos á Sociedade de Jesus [...] o nosso traço perpetuo. Não ha outro molde em que se possam fundir raças, sociedades, individualidades mesmo, senão o molde religioso. Se o Brazil tivesse sido lançado em outra fôrma, ha muito que se teria feito em pedaços. A glorificação de Anchieta é antes de tudo o reconhecimento de nossas origens catholicas, a renovação do baptismo nacional.
> Qualquer que seja o nosso modo de pensar sobre a verdade da religião, em um sentimento estaremos todos accordes, que ella é o traço moral permanente, o traço por excellencia. Todos os outros contornos dados a instituições, leis, costumes, preceitos, como são, ao lado desse, irresistentes e ephemeros![17]

---

[16] Ibidem, p. 319.

[17] Ibidem, p. 335.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Reunidas em 1900, ano da comemoração do quarto centenário da descoberta do Brasil, as *Conferências Anchietanas* somam 355 páginas. Nelas, a representação de um passado nacional e o elogio do catolicismo instituem os inacianos, simbolizados pelo padre Anchieta, como personagens de destaque na história do Brasil, graças a sua atuação na gênese da nação como representantes exemplares da fé, zelosos missionários e catequizadores, defensores dos indígenas e fundadores de missões e povoamentos, principalmente São Paulo. Este tipo de representação apologética do papel dos jesuítas no "passado colonial" brasileiro não data, evidentemente, de 1896. Ela é encontrada, de modo geral, em trabalhos de história imperiais, chancelados pelo Instituo Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).[18] Há proximidades entre a produção historiográfica do Segundo Reinado e os textos reunidos por Eduardo Prado. A especificidade do discurso histórico desses monarquistas católicos é a critica ao regime de 1889, tachado de militarista, americanista e ateu. Nesse sentido, o lugar de fala destes homens de letras não pode ser ignorado: são membros do clero, de famílias tradicionais do Império ou são partidários do regime destituído. Muitos atuaram em redações de jornais identificados com a causa da família imperial. Após a Proclamação da República, resta a pena para este grupo de alijados do poder. Desta forma, o "passado" do Brasil é, na sua pena, o repositório das virtudes do Segundo Reinado em oposição ao presente republicano autoritário e moralmente degradado.[19] Mas, sobretudo, esse passado revela a tradição nacional, a natureza do país que não pode ser esquecida, caso o Brasil deseje manter sua unidade territorial e cultural.

A série de palestras sobre José de Anchieta teve lugar na complexa conjuntura política da primeira década do regime republicano. A não realização das palestras previstas em 1897 decorre, certamente, da radicalização dos jacobinos com os revezes da Campanha de Canudos, sendo o principal estopim dessa mobilização de republicanos

---

[18] A propósito da historiografia produzida pelo IHGB, conferir principalmente: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional"; in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. l, 1988, pp. 4-27; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. "Debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro"; in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 156, n. 388, 1995, pp. 459-613; WEHLING, Arno. *A Invenção da História*: estudos sobre o historicismo. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho; Niterói: EdUFF, 1994, pp.151-168.

[19] JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*, São Paulo: Brasiliense, 1986.

ISBN: 978-85-98711-10-2

exaltados a derrota nesse mesmo ano da expedição de Moreira César. Jornais monarquistas foram empastelados após essa derrota, e o clima de incerteza culminou com a morte do monarquista coronel Gentil de Castro num atendado promovido por jacobinos. As lideranças do grupo monarquista se sentem ameaçadas então e o próprio Eduardo Prado deixa o país nesse momento.

Nesse sentido, em fins do século XIX, a apologia de Anchieta – e, metonimicamente, a da Companhia de Jesus – torna-se peça necessária à história da formação de São Paulo, em particular, e da nação, em geral. No caso das *Conferências Anchietanas*, não se trata de atacar a República abertamente, mas de realizar a sua crítica por esse viés apologético, buscando no passado a estabilidade e a tradição que o novo regime se mostrava incapaz de (re)afirmar até então.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

III Centenário da Morte do Venerável Joseph de Anchieta: conferências preparatórias. Paris: Ailland, 1900.

Conferências Anchietanas. Rio de Janeiro: Comissão Nacional para as Comemorações do Dia de Anchieta, 1979.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional"; in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. l, 1988, pp. 4-27.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. "Debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro"; in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 156, n. 388, 1995, pp. 459-613.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*, São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOTA FILHO, Cândido. *A Vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1967.

WEHLING, Arno. *A Invenção da História*: estudos sobre o historicismo. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho; Niterói: EdUFF, 1994.